

REFLEXÕES SOBRE AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE “ SER SURDO” – ESTUDO DE CASO

Mariana de Souza Caetano¹

Marines Dias Gonçalves²

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido por meio de estudo de caso do tipo etnográfico, através de entrevista semiaberta, baseada na história de vida de dois professores com surdez, com modalidades linguísticas diferentes. Após registro e transcrição das entrevistas, fez-se análise dos fragmentos dos discursos. Buscou-se com propósito de reflexão, entender como vivenciam a surdez. A análise propiciou compreender que o “ser surdo” está intrinsecamente relacionado com as suas experiências de vidas, e demonstrou não existir uma identidade surda única. As experiências escolares na infância e como professores de escolas inclusivas evidenciou que a escola continua homogeneizadora e desconsidera as singularidades linguísticas dos surdos. Apareceram registros de relações sociais tensas entre a coletividade surda, caracterizadas por preconceitos e estigmas decorrentes de conflitos entre ideologias surda e ouvintista.

Palavras-chave: Surdez. Relações Socioafetivas. Identidades.

INTRODUÇÃO

A surdez, sob a ótica das ciências biológicas, é denominada como uma deficiência auditiva que impede/dificulta a pessoa de ouvir os sons do ambiente e da fala. Essa deficiência, segundo critério clínico, pode derivar de uma lesão nas vias condutivas ou neurossensorial do ouvido (BEVILLACQUA; SOUZA, 2012).

Em um outro viés, sustentado pelas discussões de base antropológica e culturalista, há uma contraposição ao ponto de vista médico, pois conduz o olhar à

¹ Acadêmica da Pós-graduação em Educação: Processos Educativos - Inclusão do Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú. Graduada em Fonoaudiologia. Atua como fonoaudióloga Clínica e Educacional no Centro Municipal de Educação Alternativa de Itajaí. E-mail: marianasouza.fono@gmail.com

². Professora Mestre em Educação. Docente da área de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Campus Rio do Sul. E-mail: marines.goncalves@ifc.edu.br

surdez de outro lugar que não a deficiência, mas como diferença cultural, não se denominam “deficientes auditivos” e sim “surdos” (LOPES, 2007).”.

Considerar a língua de sinais a língua natural do surdo é, então, compreender que a fonte de processamento e expressão da comunicação se dá pela fonte visuomotora, outorgando, assim, um padrão de normalidade, capaz de transformar a “anormalidade em diferença” (SANTANA, 2007).

A identidade surda é uma construção vinculada ao uso da língua de sinais e das representações da cultura surda que condiz ao compartilhamento de normas, valores e comportamentos (STROBEL, 2009). Assumir a existência de uma "cultura surda" implica em assumir uma separação da cultura ouvinte (SANTANA; BERGAMO, 2005).

No entanto, sujeitos com surdez constituem uma coletividade que se identifica na diversidade e, esta é constituída por características culturais e linguísticas diferentes, refletindo diferentes posições que os surdos têm de tomar diante da impossibilidade de ouvir. Para Santana (2007), essas posições não são vistas como ideologicamente neutras, pois geram conflitos e pressões sociais relacionadas às dicotomias como: deficiência/diferença; cultura surda/cultura ouvinte; normalidade/anormalidade; linguagem oral/língua de sinais.

Segundo Fleury (2001), cada grupo social pode desenvolver historicamente uma identidade e uma cultura próprias que corresponda às necessidades e às opções de uma coletividade. Ao enfatizar a historicidade e o relativismo inerentes à construção de identidades culturais, o multiculturalismo permite pensar alternativas para as minorias, mas pode também justificar a fragmentação ou a criação de guetos culturais, podendo incidir em discriminações sociais.

Ao considerar as diferentes trajetórias de vida, como os anseios familiares, as experiências socioculturais e as condições socioeconômicas do indivíduo, este artigo buscou entender como as experiências socioculturais, educacionais e linguísticas de dois professores surdos, podem contribuir para as discussões acerca das diferentes formas de conceber e vivenciar a surdez. As reflexões tiveram como base os Estudos Surdos e Culturais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada foi a pesquisa do tipo estudo de caso etnográfico, baseado na história de vida de dois sujeitos surdos com modalidades linguísticas diferentes (bimodal e outro sinalizante); instrutores (professores) de Língua de Sinais, pós-graduados, servidores públicos efetivos em uma rede municipal de ensino da microrregião de Itajaí.

O instrumento de coleta de dados deu-se através de entrevistas semiabertas, realizadas individualmente em momentos separados, sendo uma delas acompanhada de intérprete, e a outra, realizada oralmente. As conversas foram registradas em gravador digital de voz e a uma delas foi adicionada filmagem. Posteriormente foram realizadas as transcrições das falas para análise qualitativa dos fragmentos dos discursos. Os entrevistados assinaram os Termos de Consentimentos e foi acordado que para preservar a privacidade de ambos, serão usados para identificação os pseudônimos Paulo e Leandro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após leituras dos discursos coletados nas entrevistas, emergiu a categoria: “Aspectos históricos, relações socioafetivas e suas influências na formação do sujeito com surdez”, a qual emergiu nas subcategorias: “a família”; “conflitos e tensões”; “escola” e “construção da identidade.

O desenvolvimento da identidade do sujeito com surdez pode ser influenciado por diversos fatores, desde a estigmatização histórica, relações familiares, convívio com ouvintes, com surdos e a formação escolar, (SANTOS; CLÁUDIO, 2012).

Na família, o momento do diagnóstico da deficiência auditiva é recebido como um problema a ser resolvido. Nas histórias familiares dos dois sujeitos pesquisados, a primazia pela aquisição da língua oral se mostra como única solução para eliminar a barreira comunicativa no núcleo familiar e na sociedade.

Leandro relata sua experiência com a Língua oral e refere-se aos pais: “[...] **uma identidade igual ao de ouvinte...era o que eles mais queriam!** ” A língua oral o afastava das interações sociais, a linguagem através do diálogo não era possível, isso o silenciava, isolava. Nesse sentido, Goldfeld (2002) remete-se à Vygotsky ao afirmar que é pela linguagem que o indivíduo constitui e regula o pensamento, permite

atuar no social, interagindo e expondo suas ideais. A linguagem constitui o sujeito e a forma como este recorta e percebe o mundo e a si.

Em relação a Paulo, mesmo a família priorizando a língua oral, foi submetido à aprendizagem de duas línguas simultaneamente. A aquisição da língua oral permitiu estabelecer interações sociais com ouvintes e é tida por ele como sua língua primária. Relata: **[...] tem que respeitar, família não gosta língua de sinais[...]tem que usar os dois, não é um só.**

A determinação da língua oral pelos pais ouvintes para os filhos surdos, pode levar a conflitos em alguns segmentos, até mesmo entre pais e filhos. Quando a fonoaudióloga sugeriu que Leandro deveria aprender Libras em virtude da limitação na sua comunicação oral, este passou a vivenciar conflitos de identidade: **[...] comecei a olhar pra mim mesmo e me perguntar como que eu era? Será que eu era deficiente? Então, eu não quis aceitar no começo.**

No caso de Paulo, é revelado que a opção pela língua oral não é bem vista entre os surdos pertencentes e defensores da cultura surda: **[...] não pode oralizar!!! [...] falam D.A!! D.A!! (Deficiente Auditivo) tempo todo falando [...] debocha!**

O uso do termo deficiência auditiva de forma estigmatizadora e preconceituosa ao se referir a Paulo quando em contato com indivíduos pertencentes à cultura surda, revela uma opressão derivada da dificuldade em aceitar que não há uma única identidade surda, há uma dificuldade em respeitar as diferentes maneiras de ser surdo. Um atributo que estigmatiza um indivíduo pode estar relacionado com a necessidade de normalizar o outro. A manipulação do estigma é característica geral da sociedade, ocorre sempre onde há normas de identidade (GOFFMAN, 1998).

Em relação à escola os discursos demonstram práticas de ensino homogeneizadoras, bem como descaso às diferenças linguísticas. Leandro relata: **[...] na escola bilíngue, (surdos) estão aprendendo todos na mesma língua... se relacionam com a mesma língua...na escola inclusiva...o aluno fica ali sozinho.** Paulo descreve em relação à escola inclusiva: **[...] professor não quer mesmo aprender língua de sinais e joga responsabilidade para o intérprete. [...] falta intérprete...foi ao dentista...foi médico...coitado surdo!**

Para Lopes (2012), as políticas públicas da inclusão escolar objetivam pluralizar o espaço físico escolar, sustentadas pelo o argumento legal de que todos são iguais e devem ter as mesmas oportunidades e direitos. Assim, a falácia da

“igualdade “encoberta outras tentativas e poderes desiguais que mostram a discriminação e o fracasso escolar de muitos grupos culturais.

Quanto à constituição da identidade do sujeito, ela está relacionada às práticas sociais e às interações discursivas diferenciadas no decorrer de sua vida, enfim, ela é construída por papéis sociais diferentes e também pela língua que constrói nossa subjetividade (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Para Leandro a Língua de Sinais foi determinante na sua constituição enquanto sujeito, permitiu sua inserção no universo social de forma autêntica, e fluida. A Língua Oral parecia ser o impedimento do ser inteiro, do ser natural: ***[...] quando eu comecei a encontrar as pessoas surdas [...] parecia que era normal a comunicação [...] eu aceitei língua de sinais [...] eu aceitei o meu ser, e comecei a ter orgulho de ser surdo.***

Para Paulo, o fato de oralizar não caracteriza uma identidade surda “reprimida”. Tem consciência e aceita sua surdez, define-se como surdo e afirma: ***[...] identidade surdo sim. Preciso olhar, visualizar, todos visual...***

Para Silva (2000), onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença, aí está presente o poder, onde a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta. Essa presença de poder é marcada por uma lógica binária de incluir/excluir.

CONCLUSÕES

Percebeu-se nos relatos dos sujeitos que o “ser surdo” sofre constantes influências da sociedade, que é na sua maioria “normativa”. Nesse contexto, remeto-me à Santana (2007), ao citar que as vertentes biológicas e antropológicas buscam soluções diferentes e antagônicas para tentar solucionar a comunicação do surdo, consideradas um embate que tem como base a legitimização sobre o que é ser “normal”.

Os discursos dos sujeitos revelam que a construção de suas identidades está relacionada às relações sociais que permearam as diferentes fases de suas vidas. A aceitação e identificação com a modalidade de língua por parte de cada um possibilitou a construção das suas subjetividades e consequentemente das formas diferentes de vivenciar e conceber a surdez.

[Digite aqui]

As vivências escolares na infância e as opiniões acerca da escola inclusiva, foram semelhantes em ambos os casos. Percebe-se que a escola regular parece não garantir ao surdo o direito de acesso pleno ao conhecimento.

Um discurso contra hegemônico se faz necessário, no sentido de mostrar que o enfrentamento aos problemas por meio de processos dialógicos e reivindicatórios pode ser o caminho para a conquista de espaços sociais e para o enfrentamento dos preconceitos em face da surdez e do próprio surdo (LOPES, 2007).

REFERÊNCIAS

- BEVILACQUA, M.C; SOUZA, G.D. **A criança com deficiência auditiva na escola: Sistema FM**. São Carlos: Cubo, 2012.
- FLEURI, R.M. **Desafios à Educação Intercultural no Brasil**. Revista Educação, Sociedade & Cultura, nº16, 2001.
- GOFFMAN, E. **Estigmas- Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. RJ: Ed.Guanabara Koogan S.A, 1998.
- GOLDFELD, M. A. **Criança Surda – linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2.Ed. São Paulo: Plexus, 2002.
- LOPES, M.C. **Surdez e educação**. Coleção Temas & Educação – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LOPES, M.C. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez – um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- SANTANA, A.P. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticos**. – São Paulo: Plexus, 2007.
- SANTANA, Ana Paula and BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Educ. Soc. [online]. vol.26, n.91, 2005 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>
- Silva, T.T. **Identidade e diferença**. In: Silva, T.T (Org.); Hall, S.; Woodward, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.
- STROBEL, k. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. Ed. Ver. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.
- SANTOS, V.C.A; CLAUDIO, D.P. **Estudo de um caso de surdez: aspectos envolvidos na formação da identidade do indivíduo surdo**. PsicoFAE, vol.1, n.1, 2012. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/16>